

Esquerdas buscam consenso para a formação de bloco

Isabel Braga

Os partidos de oposição do Congresso Nacional continuam distantes da formação de um bloco parlamentar, mesmo depois da reforma ministerial que não incluiu o PSDB. O PT insiste na composição deste bloco, até mesmo informal, mas o PDT, o PSDB e o PMDB — que com o PT são as bancadas mais numerosas de oposição — mantêm a postura de analisar cada projeto individualmente. O líder do PSDB na Câmara, deputado José Serra (SP), não se anima com a idéia e informa que o assunto não foi discutido internamente.

Serra reiterou que o PSDB terá o mesmo comportamento do ano passado, “analisando projeto a projeto e apoiando os que considerar úteis à sociedade”. O líder do PDT no Senado, Maurício Corrêa (DF), afirma que o partido analisa as questões e os projetos “sem se preocupar se são do Governo ou não”, apoiando os que entendem importantes para o Brasil. “Nós colaboramos com o Governo nas metas indispensáveis ao desenvolvimento do País, que não firam os dogmas defendidos pelo PDT”.

O senador Humberto Lucena (PB), líder do PMDB, defende um contato permanente entre os líderes da oposição mas não é favorável à formação de blocos. “É indispensável que cada bancada defenda os princípios programáticos de seus partidos num regime democrático”. Segundo Lucena, o PMDB continuará dando apoios aos projetos do Governo de interesse público. “O Presidente não pode se queixar do Congresso, pois todas as propostas relevantes têm sido apreciadas pelos parlamentares da oposição”.

Fôlego — A recusa do PSDB em participar de cargos no Governo, entretanto deu fôlego ao presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, para tentar uma maior aproximação dos partidos de oposição. A idéia de formação de um bloco é defendida principalmente pelos partidos de esquerda do Congresso: PT, PPS, PC do B, PSB. Juntas, no entanto, as bancadas destes partidos na Câmara representam apenas 55 deputados. Por isso, o bloco só seria viável e forte com a adesão do PSDB (41 deputados) e PDT (42 deputados), totalizando 138 parlamentares.

A intenção do PT, além de estratégica para atuação no Parlamento, é fazer um projeto alternativo de governo dos partidos

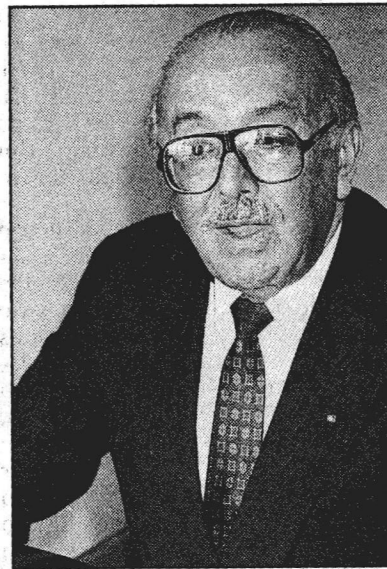
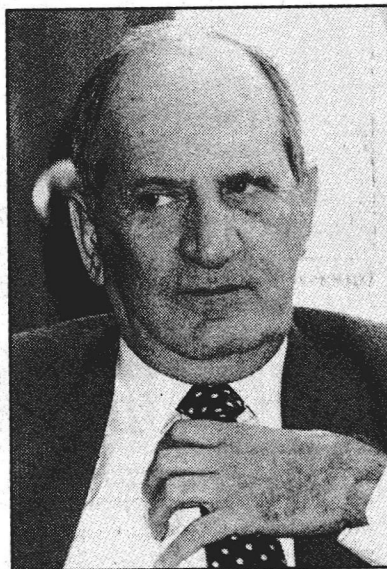
JEFFERSON PINHEIRO



IVALDO CAVALCANTI



Lula imagina um bloco informal, mas Serra não se anima com a idéia...



...enquanto Corrêa e Lucena apóiam o que for de interesse nacional

democráticos de centro-esquerda para 1994. Segundo Lula, não está se pensando em um candidato de consenso para as próximas eleições presidenciais, mas sim em um projeto de desenvolvimento para o Brasil. “Está provado que ninguém consegue governar o País sozinho. O Collor está aí, pedindo água. Reconhece que não fez nada em 25 meses e escolhe arquiinimigos políticos para governar com ele”.

Para Lula este possível bloco de oposição teria caráter informal, se articulando apenas na defesa de alguns pontos. Na primeira reunião de partidos de oposição, realizada no último dia 9, o presidente do PT propôs aos demais partidos que participaram do encontro que listassem dez pontos prioritários, para tentar estabelecer uma pauta de funcionamento do grupo.

Apenas o PDT não enviou representantes no primeiro encon-

tro das oposições. Segundo o líder do partido na Câmara, deputado Eden Pedroso (RS) o PDT não participou porque naquele dia estavam “ocupados, tentando obstruir a votação do recurso sobre a antecipação do plebiscito para a escolha do sistema de governo”. Pedroso não se posicionou quanto a formação do bloco de oposição, mas defende “um trabalho dentro de partidos como o PSDB e PMDB” para conseguir votos importantes.

“Dentro do PSDB há setores que defendem a privatização como parte da modernização do País. Como vamos atuar juntos com eles?”, questiona o pedetista. “Acredito que um corpo a corpo entre os deputados que se posicionam de forma mais coerente com os interesses nacionais e não caíram no canto da sereia da modernização é mais eficaz enquanto estratégia de oposição”, afirma.